

IV Simpósio de História do Maranhão  
Oitocentista: Escravidão e Diáspora  
Africana no século XIX

09 a 12 de junho de 2015  
Local: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA  
Prédio do Curso de História, Praia Grande, São Luís - Ma.

---

## O SERTÃO BRASILEIRO: MEMÓRIAS DE UM LUGAR MÚLTIPLO

Mariangela Santana Guimarães Santos<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente estudo derivou-se da disciplina “Territorialidade, Sertão e Fronteira” do curso de Pós-graduação Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, o qual tomamos como centro da discussão “O Sertão como um *espaço* múltiplo de memórias”. A partir deste viés, procuramos refletir sobre o Sertão como lugar constitutivo de memória material e imaterial, um lugar múltiplo de lembranças.

O Sertão, por toda sua complexidade histórica e cultural, não deve ser identificado somente como espaço demarcado geograficamente, mas também como representação repleta de sentidos na construção identitária de um grupo, de um povo. Observando por esses enfoques, buscamos compreender como o Sertão significa e é ressignificado, como lugar de memória, a partir dos vários olhares e discursos que se urdem para melhor falarem do lugar.

Para fundamentar este estudo, tomamos como princípios norteadores sobre memória as concepções de Nora (1993) para quem os espaços são lugares de memória; Halbwachs (2004) que diz que o lembrar não é autônomo, é sempre relacional ao espaço e ao tempo aos quais o indivíduo pertence; Pollak (1989) ressalta que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Sobre História, e, especificamente, o Sertão recorremos as contribuições de Amado (1995), Almeida (2003), Madeira (2004), Lima (2009) e Naxara (1998).

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História-Programa de História- UNISINOS-Professora da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA

Neste texto, ainda construímos um diálogo com a literatura brasileira representada pela obra *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos. Na narrativa conhecemos as emoções dos personagens, suas angústias e esperanças, os desejos mais simples que são tecidos nas suas falas e que proporcionam ao leitor, vislumbrar a vida de homens e mulheres que são alteradas diariamente pela má utilização do meio ambiente e pelas forças políticas locais e nacionais.

## **2 SERTÃO DE TODOS NÓS**

O Sertão é um espaço múltiplo de vidas, história, práticas e cultura, o que o torna um lugar singular. Singular por ser próprio, pelas suas peculiaridades. Apesar disso, as características evidenciadas nos vários discursos veiculados nas redes de televisão relacionam apenas outras particularidades, aumentando o interesse de políticos e empresários que veem no local, oportunidades para ampliarem os seus negócios. Tais características são: seca, pobreza, e miséria. Tudo isto se transforma em rótulos, o Sertão vira uma indústria onde todos podem lucrar sob o manto da miséria alheia.

Os discursos midiáticos vão se urdindo e criando a imagem do espaço de forma negativa, sem chamar a atenção para o que de fato altera as relações sociais do lugar. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999: p. 316): “este olhar a esta fala da mídia reproduzem em grande parte, as hierarquias espaciais, e hierarquias identitárias que realimentam as desigualdades sociais, econômicas e culturais do país”.

Dessa forma, a complexidade peculiar a esse povo não deve ser entendida como homogênea e harmônica, sobretudo por se compreender que a natureza desse processo histórico é comum no território brasileiro. Ao longo de 500 anos de história, a unidade territorial do Brasil abriga ainda imensas desigualdades regionais, tanto no aspecto social e econômico, como geológico e cultural histórico. O sertão é um espaço que não existe em si mesmo, mas unicamente através de um conjunto de efeitos ou de interação que ele engendra (ALMEIDA, 2009: p. 74).

Por isso, o Sertão deve ser identificado não somente como espaço demograficamente representado por sua geografia, mas, sobretudo como investimento simbólico referente ao grupo social, o lugar e período, oscilando assim, entre os seus significados.

Ao analisar essa realidade subjetiva, simbólica presente na memória e percebida nas representações do espaço-sertão, compreende-se que são lembranças dotadas de significados e múltiplos sentidos. Aqui entendido como elemento unificador das relações entre o homem e a natureza, resultando na construção de rede de significados e múltiplos sentidos. “A produção do lugar liga-se indissocialmente à produção da vida” (CARLOS, 1995: p.28).

Diante disso, como não compreender os representantes legais desse lugar como homens com suas peculiaridades, costumes crenças e toda sua simbologia como únicos. Ainda que as colocações, constituem-se em enunciados que ecoam e reverberam ressoando em muitos discursos, traquejos, charges, caricaturas e outros, contrário à realidade.

É possível perceber essas situações em alguns personagens da literatura brasileira a exemplo do personagem de Jeca Tatu, de Monteiro Lobato o qual passa uma imagem Nacional de um sertanejo desqualificado, indolente, preguiçoso e conformado.

Essas ideias podem representar de alguma maneira, uma crise na identidade desse povo, uma vez que sua vida cultural e social foi precariamente disseminada em algumas representações. Essa imagem, ainda que muito reforçada pelo discurso, não representa na sua totalidade o que se expressa, pois, historicamente, o que se percebe a luz de estudos, pesquisas e da fala de homens do sertão é outra ideia. Vê-se nas atitudes de homens e mulheres a luta diária pela sobrevivência familiar e pessoal ancorados na criatividade, solidariedade, persistência e insistência pela vida, tudo isso referendado na crença e nas mais diversas manifestações culturais.

Nessa perspectiva, como lembrar do sertão somente como uma área geográfica. Lá se encontra como bem viveu e conviveu, escritores como Euclides da Cunha, Câmara Cascudo, Graciliano Ramos e outros que de certa forma conheceram a história e a cultura das pessoas que viviam ali. Nesse lugar há camaradagem, companheirismo, hospitalidade, lealdade e liberdade, e há também conflitos, individualismo e privações. Daí vem a compreensão de um espaço definido por uma área geograficamente distribuída, que passa também, por uma ideia de construção da identidade nacional, estabelecida pela relação entre territorialidade, fronteira e povoamento.

Nesse contexto, percebemos o homem inserido no processo cultural, que se dá na proporção em que a História do povo brasileiro se constitui, nesse caso em particular, na valorização da cultura do homem do sertão brasileiro.

### **3 GRACILIANO RAMOS: UM CONHECEDOR DOS SERTÕES DO NORDESTE**

Nascido Graciliano Ramos de Oliveira, em 27 de outubro de 1892 na cidade de Quebrangulo-Alagoas, viveu muito tempo nos sertões nordestino conhecendo com profundidade todo o ambiente que mais tarde iria protagonizar muitos dos seus romances. Faleceu no dia 23 de março de 1953, no Rio de Janeiro, tendo deixado uma profícua obra regada por um rigor na linguagem, com um estilo incisivo, direto e mesmo seco, coerente com a realidade que fixou.

Sua obra *Vidas Secas* (1938) foi a quarta a ser publicada. Narra a história de uma família de retirantes da seca que à medida que o tempo passa, vão se brutalizando, deixando na linha do esquecimento traços de humanidade. A seca torna-se implacável, castiga a família de Fabiano e Sinhá Vitória sem piedade. O sítio onde moravam tornou-se hostil, os animais e os alimentos foram perdendo o viço, as propriedades que alimentariam os personagens da história.

*Vidas Secas* representa o apuro técnico do escritor. Ao explorar o tema da seca o autor faz denúncias sobre as mazelas sociais, através da fala dos personagens, deixa-os imersos nos seus próprios pensamentos para indicar o distanciamento entre as pessoas, que são vítimas de quaisquer problemas de ordem material. Para Fabiano e Sinhá Vitória, ao mesmo tempo em que divagam sobre o que gostariam de ganhar da vida, deixavam de ouvir o que o outro falava. Embrutecidos, essa é a real situação daquela gente, ações animais, melhor dizendo, a sensibilidade comum ao ser humano cada vez mais ausente.

Na escritura graciliana, *Vidas Secas* está organizado em treze partes que não se prendem uma a outra, essa forma de organizar o livro ressalta a falta de ligação de tempo cronológico e os personagens, na solidão de seus pensamentos, cada um divaga sobre a vida, rompem com a linearidade costumeira encontrada no texto romanesco do Século XIX.

### **4 VIDAS SECAS: MEMÓRIAS (IN)VISÍVEIS DE UM LUGAR MÚLTIPLO**

A narrativa de *Vidas Secas* tem como tema central a história de uma família de retirantes nordestinos que, por duas vezes, sente-se obrigada a deixar o lugar onde mora para fugir da seca. A narrativa apresenta uma situação de calamidade, onde os animais e plantações morrem, impossibilitando assim, o ser humano dá continuidade naquele lugar. Em meio a toda tragédia da seca, os personagens aspiram por dias melhores, nutrem a esperança de que as coisas tomarão rumos diferentes. Em meio a todas as dificuldades vividas pelos

personagens, os momentos de desesperos são amenizados pelas lembranças felizes, embora estes cheguem à mente de maneira desconexa como afirma Ramos (1986: p.11): “Sinhá Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão”.

Esta era uma das maneiras que Sinhá Vitória encontrava para fugir da realidade hostil em que vivia. Tentava resgatar um pouco de humanidade ao pensar nas coisas que gostava de fazer, das festas que participava nas localidades em que morou. A seca com suas dolorosas consequências, como a fome, a escassez da água, enfim as limitações para uma vida com um mínimo de conforto, tornou-se um grande problema para Sinhá Vitória e sua família. Nesse contexto, a vida rural ficou difícil, e para que Sinhá e Fabiano continuassem vivos era preciso que todos os problemas fossem enfrentados, não só por eles, mas também pelos donos das fazendas.

Com esses pensamentos, os personagens conseguiam nutrir-se de sonhos, de voltar a ver a família alimentada, saciadas de água, vivendo de forma igual aos outros donos de terra. Isso pode ser verificado na passagem:

*Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde (RAMOS, 1986: p.15).*

No entanto, no decorrer da história percebemos que a família de Fabiano não consegue suplantar esses desastres ambientais. Isto porque, como é bem ilustrado na narrativa graciliana, as diferenças sociais estão entranhadas nos sertões nordestinos, devido as separações impetradas por dois brasis: o Brasil sertanejo, miserável e o Brasil do Centro-Sul civilizado, cosmopolita.

O fenômeno da seca compromete as perspectivas de muitas famílias brasileiras, pois associado ao descompromisso de governantes, políticos, empresários, poucos conseguem mudar essa situação.

## **5 QUANDO FALAMOS DE MEMÓRIA**

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo. As memórias de um lugar são referências para a construção da

identidade, fenômeno que se produz em referência aos outros (HALBWACHS, 2004). Nesse sentido, o autor ressalta que o tempo universal e os tempos históricos, são extensão de todos os acontecimentos, realizados em todos os lugares, dos mais amplos aos mais específicos, todos os grupos e a todos os indivíduos.

Nessa acepção, pensar historicamente no sertão é compreender as memórias invisíveis e visíveis, e por ser um espaço de múltiplas lembranças, exige “[...] a possibilidade de refazer a memória no sentido contrário ao da classe dominante, de modo que o corte histórico-cultural seja de classe” (GRAMSCI *apud* CHAUÍ, 2000: p. 89). Compreender os equívocos apresentados pelo discurso midiático, em que o sertanejo é generalizado pela figura de um homem preguiçoso.

Porém, importante ressaltar que autores como Euclides da Cunha, Silvio Romero, Manoel Bomfim, entre outros, buscaram entender o Brasil e o brasileiro, fazendo interpretações a partir de obras literárias ressaltando o homem do interior como simples, e que mantém uma relação harmônica com a natureza.

Nesse aspecto, o indivíduo está imbricado por uma rede de significados sociais, compondo a memória do povo e fortalecendo a cultura do lugar. Nesse caso, o indivíduo é o sujeito dessa história, sendo o único transformador dessa tradição inventada (HOBSBAWN, 1998). Reconhecer-se e identificar-se como participe do grupo, é desenvolver um sentimento de pertencimento. Nesse sentido, se atribui ao lugar um valor significativo na construção da identidade de um grupo de um povo. Para Nora (1993: p. 13),

*[...] espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...]. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos [...].*

Dessa maneira, como não, dizer que as figuras, os rios, a natureza, o folclore, o vestuário, as danças, a linguagem não são aspectos importantes na construção da memória desse lugar, a construção da identidade, é um fenômeno que se produz a partir de acontecimento, personagem e o lugar (POLLAK, 1989). O espaço assume uma dimensão simbólica muito grande, porque é o lugar onde as pessoas vivem, em suas crenças, mitos e costumes, e nessa dialética vai se compondo e firmando a tradição cultural.

## NOTAS CONCLUSIVAS

Dialogar sobre essa temática ressaltando o Sertão como um espaço de muitas memórias, nos faz refletir de que forma tem sido construído o conceito de identidade nacional, uma vez, que o sertão é um grande espaço geográfico, que muito contribuiu politicamente e economicamente para a história do país. Pois o é esse um dos processos que define de fato as diversas diferenças de um país singular e plural.

No entanto, ainda se percebe, em pleno século XXI, que o Brasil não é conhecido em todas suas riquezas, singularidades e nuances. Contudo, esse processo histórico se constrói no diálogo com os fatos, quer seja de norte a sul do país, tudo diz respeito a identidade nacional, a territorialidade deve ser algo significativo no sentido de pertencimento.

Nessa construção, o indivíduo está imbricado por uma rede de significados sociais, compondo a memória do povo e fortalecendo a cultura do lugar. Assim, o indivíduo é o sujeito estruturador desse processo histórico, sendo o principal articulador da tradição cultural de um povo.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ALMEIDA, M. G de. **Em busca do poético do sertão: um estudo de representação**. Goiânia: Alternativa, 2009.

AMADO, J. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**. Cpdoc/FGV. v 15., p. 145-151., 1995.

ARRUDA, G. **Cidades e Sertões: entre a história e a memória**. Bauri /SP: EDUSC, 2000.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no mundo**. São Paulo: Hucetec, 1995.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre prática e representação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FARIAS, M. de S. **Memórias de um menino sertanejo: o sertão de Luís Câmara Cascudo**. Disponível em: <[http://www.historiaecultura.pro.br/modernos descobrimentos/desc/cascudo/memoriadeummenino.pdf](http://www.historiaecultura.pro.br/modernos_descobrimentos/desc/cascudo/memoriadeummenino.pdf)>. Acesso em: 02.12.14.

GUTIERREZ, H.; NAXARA, M.; LOPES, M. A. (org.) **Fronteiras, paisagem, personagens, identidades**. Franca: UNESP, Olho d'Água, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HERMANN, J. Cenário de encontro de povos: a construção do território. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, p.17-33.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998.

HOLANDA, S. B. de. **Caminhos e fronteiras**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. Disponível em: <[http://books.google.com.br/about/Caminhos e fronteiras.html?hl=PT-BR&id-C25EAMAJ](http://books.google.com.br/about/Caminhos_e_fronteras.html?hl=PT-BR&id-C25EAMAJ)>. Acesso em: 02.12.14.

LIMA, N. T. Euclides da Cunha: O Brasil como sertão. In: BOTELHO, André; SCHWARTZ, Lilia (org). **Um Enigma Chamado: 29 intérpretes e um país**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

MADEIRA, A. Fraturas do Brasil: o pensamento e a poética de Euclides da Cunha. In: GUNTER, A.; SCHÜLER, F. (orgs.). **Intérpretes do Brasil: ensaios de cultura e identidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

MENDES, A. M., SILVA, A. M. A. **O jogo do texto: Perspectiva Linguística e Literárias**. São Luís: UEMA, 2010.

MIRANDA, A. L. A., BITTENCOURT, E. M. **Linguagem Múltiplos objetos, Múltiplas Leituras**. São Luís: UEMA, 2006

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Record. 1986..